



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



Variação Mensal e Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	março-05	Jan - mar/05	março-05	Jan - mar/05	março-05	Jan - mar/05	
Goiás	0,35%	-1,51%	0,41%	-0,79%	-0,02%	-6,53%	13,3%
Minas Gerais	0,05%	0,14%	0,40%	1,30%	-0,85%	-7,09%	13,7%
Mato Grosso	0,12%	-0,26%	0,22%	0,28%	0,64%	-6,75%	16,2%
Mato Grosso do Sul	-0,50%	-0,66%	-0,14%	0,05%	-3,57%	-8,25%	16,4%
Pará	0,13%	2,25%	0,09%	2,25%	0,93%	-4,22%	8,8%
Paraná	0,43%	0,23%	0,68%	0,92%	-1,44%	-7,83%	6,7%
Rio Grande do Sul	0,16%	0,26%	0,50%	0,78%	-0,09%	-6,22%	9,6%
Rondônia	-0,21%	0,83%	0,64%	3,10%	-0,20%	-5,64%	6,2%
São Paulo	-0,64%	-1,82%	-0,29%	-0,76%	-1,84%	-6,60%	9,2%
Brasil*	-0,02%	-0,21%	0,24%	0,58%	-0,81%	-6,71%	

\* - Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais	
Indicadores	março-05
IGP-M	0,85%
Acumulado Janeiro	1,55%
Taxa de Câmbio	1,47%

### UM DOS PIORES MOMENTOS DA PECUÁRIA EM 11 ANOS DE ESTABILIDADE

Um gráfico com as variações dos custos de produção e do preço da arroba do boi evidencia que o distanciamento dessas linhas vem aumentando desde o início do ano passado. Isso significa que os produtores de boi estão perdendo renda durante todo esse período, especialmente a partir do segundo semestre de 2004. Desde fevereiro, a arroba do boi a prazo no Estado de SP está abaixo de R\$ 60,00, média que, nos 11 anos de Plano Real, só foi vista na safra de 1996 – considerando toda a série de preços deflacionada pelo IGP-DI de março/05.

Nesse cenário de desestímulo para o pecuarista, a resposta que mais interessa a todo o setor é como isto deve refletir na oferta em médio prazo. A pecuária é uma atividade de longo prazo e entre a decisão de produzir e a colocação do produto no mercado existe um intervalo de cerca de 5 anos. Esse é o período necessário para gerar a matriz, para essa gerar o bezerro e, por fim, o tempo para que este se torne um boi gordo pronto para abate.

Para livrar esta resposta de especulações infundadas, é pertinente analisar o histórico dos preços, ainda que curto quando considerado o período de estabilidade da moeda. Antes do Plano Real, por longas décadas, o boi era visto como reserva de valor e, por isto, a definição de seus preços passava longe das regras de oferta e demanda que vigoram desde 1994.

A oferta, até então, estava mais vinculada à insegurança econômica e política do que à produtividade. Depois do plano Real as coisas mudaram. No primeiro momento, ocorreu uma corrida para a carne, por conta da renda extra advinda da estabilização; depois, com a



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



abertura comercial e a taxa de câmbio valorizada, vieram as importações e a depressão dos valores.

Em outubro de 1994, arroba chegou a R\$ 102,00 a prazo, no Estado de SP, em valores deflacionados para março de 2005. Já em dezembro de 1995, a arroba custava R\$ 58,70 - também a prazo e deflacionada para março/05. Nesta época, o boi era abatido pesando em média 16 arrobas, por volta dos 3,5 anos. Os preços continuaram em queda até junho de 1996, quando a média mensal chegou a R\$ 54,78, considerando valores deflacionados para março/05. Naquela época, o brasileiro consumia cerca de 30 quilos por ano, a taxa de câmbio era de R\$ 1,00 por dólar, o país exportava cerca de 150 mil toneladas de carne e importava quase 50 mil t. O salário mínimo era de R\$ 112,00, que atualizados para março de 2005, representaria R\$ 283,00.

O produtor vive o dilema de continuar na atividade ou deixá-la. O abandono envolve muitos outros fatores além dos aspectos racionais econômicos do momento, mas não deixa de ser uma opção. O pecuarista fez muitas das lições de casa que lhe foram impostas, deixou de pensar na rentabilidade como especulação de preços e abriu espaço para que rentabilidade se atrelasse à produtividade. Hoje, boa parte do rebanho é abatida por volta dos 3 anos, com 17 arrobas, peso cada vez mais comum também para animais de 2,5 anos. Entre as matrizes, a cada 100 vacas obtêm-se em média 70 bezerros desmamados, enquanto no passado 100 vacas geravam 50 bezerros.

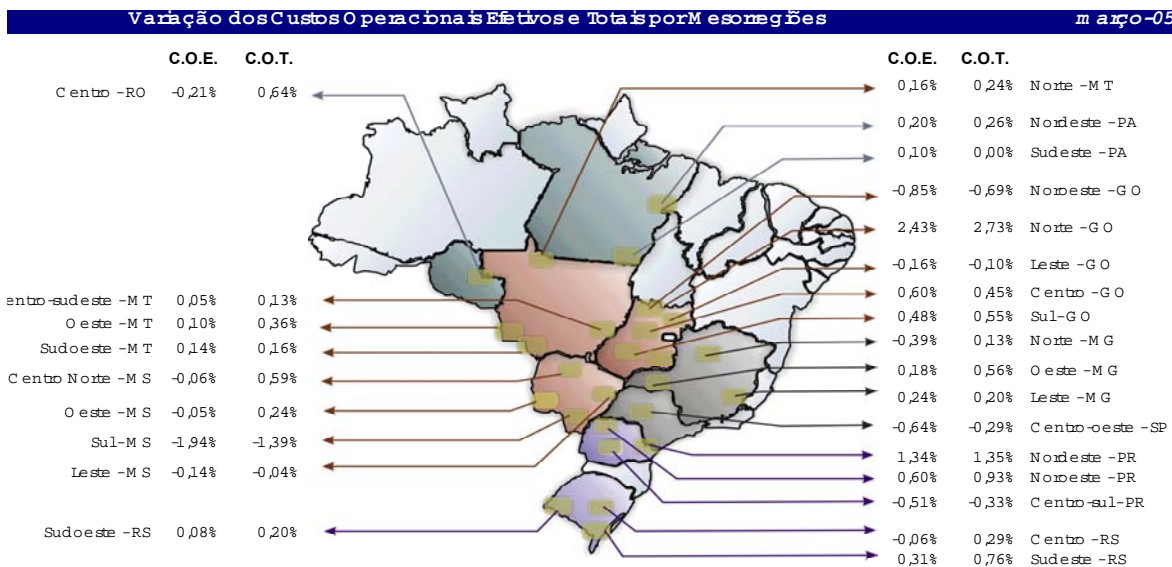
No Brasil, além do crescimento numérico da população, também o consumo per capita passou de 30 quilos/ano para algo em torno de 35 quilos/ano, as exportações são cerca de 10 vezes maiores, com o produto brasileiro chegando a mais de 60 países e representando 25% do volume mundial. O câmbio está em R\$ 2,60 por dólar e o salário mínimo, que representa cerca de 20% do custo total da arroba, caminha para os R\$ 300,00, ou seja, será quase 6% - em termos reais - maior que em 1996.

A questão que fica é: onde está o problema? Onde o produtor errou? Deixar a atividade seria a saída mais simples para o empresário racional, mas o produtor, mesmo vendo a deterioração da sua renda, ainda acredita em melhoras, aliás, sabe que a agropecuária é feita de ciclos, e tem uma relação muito passional com a atividade.

A demanda de produtores junto à Secretaria de Defesa Econômica para investigação de formação de cartel por parte dos frigoríficos reflete muito esse estado de espírito, falta de alternativas e de perspectivas de melhora dos preços e de diminuição dos custos. Neste ponto, os produtores estão certos, é preciso fazer algo. Tecnicamente é inconteste que estão perdendo renda. O fato consumado é que os preços estão caminhando para serem os mais baixos da história recente da pecuária nacional.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



### Análise de Insumos e Regional

#### Estabilidade dos insumos não alivia aperto do pecuarista

Em março, os preços do boi, na média de nove Estados, caíram mais 6,7%. Essa variação mostra que o setor tem oferta suficiente para caracterizar o atual período como safra. O problema se agrava quando observadas as cotações futuras, que apontam elevada oferta também no segundo semestre, o que, lamentavelmente, poderá anular valorizações que seriam típicas de uma entressafra. Ou seja, temos safra, mas não entressafra!

Num cenário deste, um mínimo consolo seria encontrar recuos de preços também dos insumos. Pesquisas em dezenas de lojas agropecuárias de todo o País chegam a mostrar algumas diminuições de preços, mas essas variações passam longe, muito longe de acenar um refresco ao produtor.

De fevereiro para março, insumos como adubos, calcário, vacinas, bezerro e até o sal mineral apresentaram variações negativas, mas nenhuma superior 0,75% na média dos nove Estados pesquisados. Mesmo na análise regional, não se encontra queda de nenhum insumo que se aproxime das variações do boi. Entre todos os insumos, os que mais recuaram foram as vacinas e o calcário, ambos, em São Paulo, onde as quedas estiveram na casa dos 5%. Esses dois insumos, porém, participam com apenas 1,6% e 1,2% respectivamente do custo total da produção de carne. A diminuição dos preços do calcário nesta época do ano se dá pela menor demanda por parte dos agricultores que, na maioria das regiões, estão colhendo a safra do verão.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



Outro insumo de grande importância nos custos da produção da pecuária de corte são os adubos em geral, que chegam a representar quase que 4% dos custos totais. Dentre os adubos nitrogenados mais utilizados na pecuária está a uréia, que proporciona um bom incremento na produção de matéria seca da forragem. Este insumo é bastante utilizado também na atividade agrícola, tendo seus preços bastante influenciados pela demanda da agricultura. Os preços dos adubos nitrogenados são influenciados ainda pelas cotações do petróleo.

A melhor época para o pecuarista de corte comprar uréia é no final ou no início do ano - de dezembro a abril. Por outro lado, em setembro e outubro os preços tendem a estar mais elevados devido à época agrônômica ideal para se realizar a adubação. Dessa forma, mesmo com o preço da arroba do boi gordo mais elevado no segundo semestre, o total de arroba despendida para a obtenção deste insumo será maior.

Além de ser utilizada como adubo para produção de forragem, alguns profissionais da área recomendam o fornecimento de uréia também no sal mineral, nos meses de junho a setembro, quando a produção e a qualidade da forragem são baixas. Neste período, a uréia pecuária torna-se uma excelente opção para completar as necessidades alimentares protéicas dos ruminantes.

Em relação à compra de bezerros, não é surpresa essa variação negativa (-0,57%). Com a desvalorização da arroba, o interesse pela reposição tem diminuído. Na maioria das regiões, a oferta de bezerros tem sido maior que a procura, gerando recuos ainda maiores que os da arroba para esses animais. Além disso, a procura por bezerro nesta época é enfraquecida também pela falta de pastagens no inverno que se aproxima. Comparando as médias de fevereiro e março, as maiores quedas ocorrem em Goiás e Mato Grosso, de 1,8 e 1,4%.

Por outro lado, o reajuste de 6% de máquinas e implementos de fevereiro para março e de 7,54% no trimestre assustou produtores de todos os Estados. Esse reajuste bem como os 20,5% do ano passado não condizem com a demanda por máquinas e implementos, tendo em vista que vários setores atravessam período de baixa de preços de suas *commodities*. Apesar disso, o encarecimento do aço no mercado internacional tem justificado os aumentos no preço, inibindo ainda mais a demanda por este insumo. Esse fraco desempenho, porém, pode reverter esse comportamento dos preços.

Reforçando o desânimo dos pecuaristas, lubrificantes e insumos para construção e manutenção de cercas, no primeiro trimestre, já acumulam altas de 2,55% e 3,59%, respectivamente. No caso dos lubrificantes, sua participação nos custos totais é de apenas 0,7%, mas os materiais para construção e cercas, pesam quase 5%. Os Estados onde esses itens mais encareceram foram o Mato Grosso do Sul e o Rio Grande do Sul com 1,17% e 1,83%, respectivamente. Em São Paulo e Rondônia, ao contrário, houve pequenas diminuições desses preços.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



No trimestre, os maiores recuos do custo operacional efetivo foram registrados nos Estados de Goiás e de São Paulo. Em Goiás, apesar da variação mensal positiva de 0,35%, observa-se uma queda acumulada de 1,51% no ano; na verdade, pouco significativa perto dos 6,53% de desvalorização do preço da arroba. A situação dos paulistas é semelhante. No trimestre, os dispêndios diretos do produtor (COE) de São Paulo diminuíram 1,82%, mas o boi caiu três vezes mais, acumulando desvalorização de 6,60%. Já aos produtores do Pará, o cenário é duplamente desfavorável, com aumento de 2,25% do COE no período e queda de 4,4% da arroba. Os itens que mais encareceram a produção no Pará, em março, foram os serviços terceirizados de máquinas pesadas, que aumentaram 4,25%.

Quando analisamos o custo operacional total (COT) que inclui a remuneração do capital e as depreciações, a situação se torna ainda pior para o produtor. Em Rondônia, por exemplo, o COE aumentou 0,83% no primeiro trimestre e o COT, pesados 3,10%. Neste estado a queda do preço da arroba do boi neste período foi de 5,64%, perda de quase 9 pontos percentuais do poder de compra em apenas três meses.

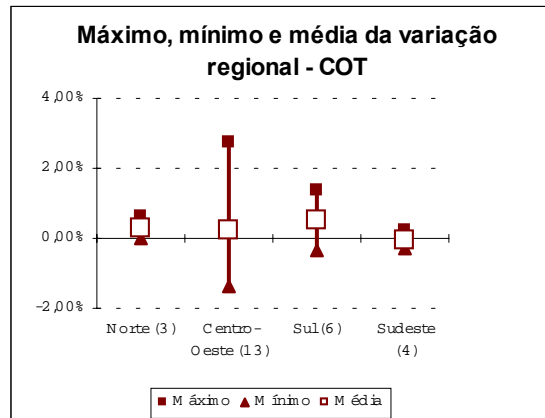
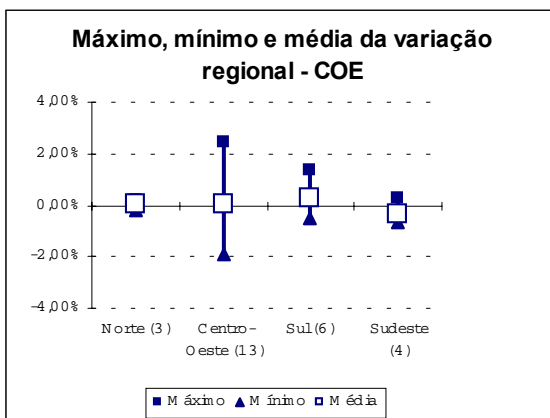
A arroba do boi, na verdade, acumula salgados recuos em todos os Estados nesses primeiros três meses. Em março, este ritmo continuou, com apenas Mato Grosso e Pará conseguindo ligeiros aumentos das médias mensais do boi. Do outro lado, aparece o Mato Grosso do Sul, com a maior desvalorização da arroba de fevereiro para março: 3,57%. No acumulado do ano, este Estado também lidera, com o preço médio do boi em março 8,25% abaixo da média de dezembro.

Mais uma vez percebe-se que, para manter as margens, o produtor de carne bovina precisa aumentar seu rendimento produtivo sem onerar seus custos.

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte				
Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP				
	Ponderações COT		Variações Acumuladas COT	
	Março	Jan - mar/05	Jan - mar/05	março/05
Diesel em áreas rurais	6,01%	-0,35%	-0,35%	0,11%
Lubrificantes	0,69%	2,55%	2,55%	0,49%
Adubo em geral	3,97%	-1,88%	-1,88%	-0,75%
Calcáreo	1,17%	-0,78%	-0,78%	-0,38%
Sementes forrageiras	1,41%	0,97%	0,97%	0,00%
Suplementação Mineral	14,80%	1,05%	1,05%	-0,20%
Medicamentos - Vacinas	1,56%	-0,44%	-0,44%	-0,67%
Medicamentos - Controle Parasitário	1,16%	0,47%	0,47%	0,19%
Medicamentos em geral	0,78%	1,21%	1,21%	0,33%
Insumos para reprodução animal	0,61%	-0,02%	-0,02%	0,01%
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,87%	3,59%	3,59%	0,37%
Construções em geral	6,95%	1,44%	1,44%	0,39%
Máquinas e implementos agrícolas	7,90%	7,54%	7,54%	6,06%
Serviço terceirizado de desmatamento	0,88%	0,17%	0,17%	0,31%
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,33%	0,40%	0,40%	0,37%
Compra de animais bezerro	9,22%	-0,64%	-0,64%	-0,57%
Mão-de-obra	21,11%	0,00%	0,00%	0,00%

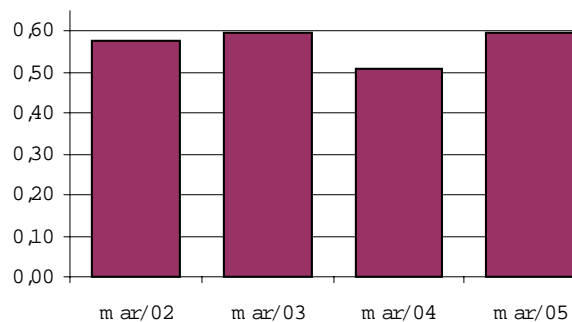


## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



### Relação de Troca – Estado de São Paulo

#### Sal Mineral (@/saco)

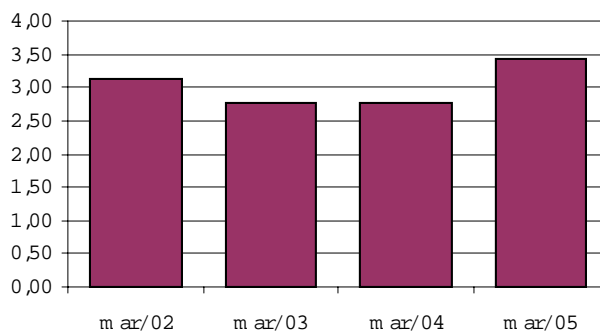


**Sal Mineral:** Em março de 2005, o pecuarista de corte gastou 0,58 arroba para adquirir um saco de sal mineral de 30kg, 0,28% a mais que em fevereiro, quando 0,57 arroba bastava. Essa relativa estabilidade se deve à queda de 1,52% da suplementação mineral num mês em que o boi recuou 1,8%, ambos no estado de São Paulo. Em um ano, o poder de compra do produtor de carne bovina, porém, foi corroído em 13,3%, já que no terceiro mês de 2004, o produtor de SP despendia de 0,51 arroba de boi para a aquisição de 30kg de sal mineral. Essa perda se deve tanto aos 9,24% de aumento do preço do insumo quanto à queda nominal de 3,57% da arroba em 12 meses.

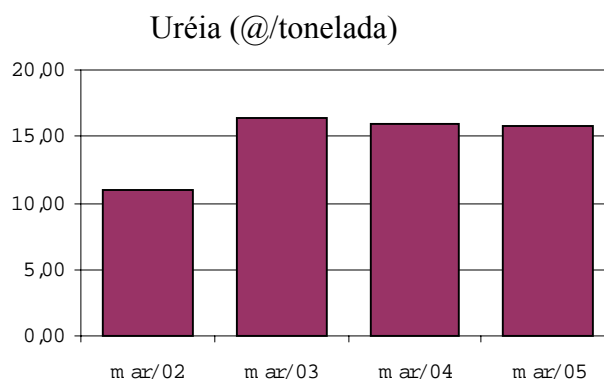
#### Ivermectina (@/500ml)



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



**Medicamento:** A relação de troca de boi por ivermectina no mês de março foi de 3,44 arrobas para cada frasco de 500 ml, ou seja, requereu 3% a mais de arroba que em fevereiro, quando a troca se dava em 3,34. Essa redução no poder de compra do produtor é causada tanto pela desvalorização do boi quanto pela alta do insumo, no caso, de 1% de fevereiro para março, no mercado paulista. Nos últimos 12 meses, nota-se uma redução de 23,7% no poder de compra do pecuarista frente à ivermectina, já que no mesmo período de 2004, 2,78 arrobas de boi gordo compravam um frasco de 500 ml do produto.



**Fertilizante:** A menor demanda por fertilizantes em março somada à desvalorização do dólar em 3,92% frente ao real de janeiro para fevereiro resultaram na diminuição de 6,07% dos preços destes insumos no Estado de SP. Dessa forma, o produtor conseguiu melhorar sua relação de troca – com este insumo. Em fevereiro, 16,54 arrobas de boi gordo eram necessárias para comprar uma tonelada de uréia no mercado paulista, enquanto em março, o pecuarista gastou 4,5% menos, precisando de 15,82 arrobas para a compra da mesma quantidade deste adubo nitrogenado. Entretanto, comparando-se com março de 2004, o poder de compra do pecuarista teve pequena queda de 1%.

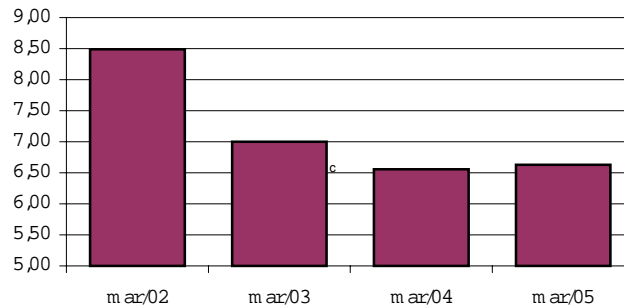




## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Março/2005



### Bezerro (@/cabeça)



**Bezerro:** Para a compra do seu principal insumo, o pecuarista de engorda teve seu poder de compra ligeiramente reduzido. Em março foram necessárias 6,64 arrobas para adquirir uma cabeça de bezerro (de 8 a 12 meses, nelore), 2,1% a mais que em fevereiro, quando 6,5 arrobas faziam a troca. Isso aconteceu porque o bezerro, no mercado paulista, recuou 0,45%, enquanto o boi caiu 1,8% de um mês para o outro. Já ao comparar com a troca feita há um ano, é o pecuarista de cria que perde. Em março de 2004, um bezerro no estado de SP equivalia, em média, a 6,56 arrobas, 1,2% a menos que a equivalência em março de 2005. Neste período, o preço do bezerro caiu 2,42% e o boi, 3,57%.